

Obadyah Alliance

**CASAMENTOS
MISTOS**

Hakham David de Sola Pool

Obadyah Alliance

CASAMENTOS MISTOS

Hakham David de Sola Pool, Ph.D.

Rabino da sinagoga hispano-portuguesa Shearith Israel, Nova Iorque

Prefácio do Hakham Yehonatan Elazar-DeMota

Tradução de Holean Costa

TÍTULO ORIGINAL

Intermarriage

© Jewish Welfare Board, Nova Iorque, 1918

AUTOR

David de Sola Pool

TRADUÇÃO, DIGITAÇÃO E CORREÇÃO GRAMATICAL

Holean Costa

REVISÃO TÉCNICA

Yehonatan Elazar-DeMota (Hakham)

EDIÇÃO

Holean Costa

Yehonatan Elazar-DeMota

CAPA

Holean Costa



www.obadyah.com

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, sem a autorização expressa dos editores.

2018

PREFÁCIO

Este livro é muito importante e relevante, principalmente para a nossa época. Há um século, o ḥakham David de Sola Pool sentiu-se no dever de escrever e alertar sobre o que já era preocupante e que ameaçava a existência do povo judeu: os casamentos mistos.

Essa ameaça foi percebida e desaconselhada nos tempos de Moshé Rabbênu e também desencorajada por Neemias séculos depois. Hoje, muitos judeus e judias casam-se com pessoas não-judias, aumentando as chances de legarem a seus filhos lares não-judaicos. A assimilação, cada vez mais frequente, torna-se vizinha desses lares. Assim, para muitos filhos e netos de casamentos mistos, a tradição judaica é algo do passado, um sítio a não ser visitado.

O autor explica as razões para nos casarmos com judeus e não deixarmos para trás os costumes dos nossos antepassados. É importante entendermos que nossa legislação chegar a interferir na escolha pessoal do cônjuge, objetivando o bem-estar e a sobrevivência do nosso povo.

Yehonatan Elazar-DeMota
Presidente da Obadyah Alliance

OBSERVAÇÕES DO TRADUTOR

Uma obra centenária, mas atual. Aborda o delicado tema do casamento misto sob diversas perspectivas e apresenta dados importantes, já percebidos à época, como o fato desse tipo de casamento ter mais chances de divórcio, a maior possibilidade de os filhos serem criados como não-judeus e também propensos a se casarem com não-judeus.

O autor expõe por que a Lei, desde tempos remotos, contrapõe-se aos casamentos mistos, ressaltando que o principal motivo é a preservação do povo judeu. Objetivando isso, diferentemente dos tempos hodiernos, havia um consenso sobre como abordar os casamentos mistos por autoridades rabínicas de diferentes linhas.

A tradução acrescentou apenas notas explicativas sobre autores e locais que podem ser desconhecidos do público lusófono, seja pela distância geográfica ou pela distância história.

Um livro a ser lido por todo o povo judeu, pois, do assunto tratado, depende sua existência.

Holean Costa

CASAMENTOS MISTOS

Um problema antigo

De certo ponto de vista, o mais grave problema que o povo judeu enfrenta hoje são os casamentos entre judeus e cristãos.

Esse problema não é novo na história judaica, mas é mais comum e, portanto, mais urgente nos dias atuais do que em qualquer outro tempo. Nós, os judeus, sempre fomos minoria no mundo e, por isso, tivemos que lutar sabiamente e duramente por nossa sobrevivência. Desde o começo de nossa história, é sabido que se casar fora do povo judeu traz uma ameaça à sobrevivência judaica. Já no início remoto da história judaica, Abraão, o fundador do povo judeu, teve que decidir entre seus dois filhos: Ismael, o filho de uma esposa estrangeira; e Isaac, o filho da esposa hebreia. Para garantir que a tradição que ele estava fundando fosse transmitida em sua pureza à próxima geração, Abraão manda embora Ismael e escolhe Isaac como seu filho verdadeiro, fisicamente e espiritualmente. Isaac, por seu turno, enfrentou a mesma necessidade de escolher entre seus dois filhos, Esaú e Jacob. Após Esaú casar-se com uma hitita e, assim, colocar-se fora da linha direta da tradição judaica, Jacob tornou-se o herdeiro natural e inevitável da vida e do pensamento judaicos.

Depois, quando os descendentes hebreus desses patriarcas se tornaram um povo, sua integridade foi ameaçada pela multidão mista de egípcios que agarrou a oportunidade de escapar da servidão com eles. Essa multidão mista foi a causa de um grande problema para o recém-estabelecido povo judeu em sua pesada peregrinação para a terra prometida. Em toda a história bíblica, há repetidos testemunhos dos problemas que vieram para o povo judeu e para seus indivíduos devido ao desrespeito à proibição de casamentos mistos. Essa proibição é expressa mais explicitamente nas seguintes palavras: “Quando o Eterno, teu Deus, te levar à terra à qual tu vais para herdá-la, e lançar fora muitas nações de diante de ti, [...] não farás aliança alguma com elas [...] e não te aparentarás com elas; tua filha não darás a seu filho e sua filha não tomarás para teu filho. Porque desviará teu filho de Me seguir, servirão a outros deuses e crescerá a ira do Eterno sobre vós e te destruirá depressa.” (Debarim/Deuteronômio VII, 1-4)

Um problema em todas as épocas

Quão grande ameaça tornou-se o descaso para com essa proibição. É tão claro nas últimas partes da Bíblia como é na história bíblica mais antiga. Esdras viu que “o povo de Israel [...] não se manteve apartado dos povos das terras (contíguas), [...] pois tomaram, para si e para seus filhos, mulheres destes povos [...]” (‘Ezrá’/Esdras IX, 1-2) Esse desrespeito à lei fundamental da autopreservação judaica tornou-se tão sério que Esdras e Neemias, os líderes do povo, induziram-no a tomar a drástica medida de se divorciar de suas esposas não-judias. A mistura de sangue progredia tanto que esses líderes previram que nenhuma outra medida poderia resultar na preservação da integridade do povo judeu. Depois, os ḥakhamim, devido a experiências amargas, posicionaram-se duramente contra casamentos mistos, e todos os anos da história judaica subsequente têm testemunhado a sabedoria prática de sua política.

Nos tempos modernos

Desde o século XIX, quando a emancipação ocasionou uma livre mistura entre judeus e não-judeus, a oportunidade de casamento misto cresceu. Um dos primeiros resultados da emancipação dos judeus foi o enorme crescimento do número de casamentos mistos; e já desde esses primeiros dias de tolerância, em todo o mundo, houve um impressionante e ameaçador aumento dos casamentos entre judeus e gentios.

Razão x emoção

Por que, nestes dias, o judaísmo deve continuar a se opor aos casamentos mistos? Argumenta-se que o poder do amor é tão grande que nenhuma consideração de conveniência pode resistir a ele. Se isso fosse verdade, e os homens casassem quando se apaixonassem, não permitindo que suas mentes tivessem alguma medida de controle sobre seus corações, o casamento seria,

agora, considerado uma instituição humana totalmente desacreditada. A experiência da humanidade decretou que, entre a paixão e o casamento, deve haver um intervalo significativo para a reflexão. Essa experiência é resumida no provérbio em língua inglesa que diz: “*Marry in haste, repent at leisure.*”¹ Todo casamento é, praticamente, um ato irrevogável, e um erro de casamento só pode ser corrigido por meio do caro, maçante e doloroso processo de divórcio. O homem judeu que se apaixonou por uma senhorita não-judia justa faria, portanto, bem ao desconsiderar algumas das considerações práticas envolvidas ao dar o último passo rumo ao casamento e suas obrigações para toda a vida.

Natureza radical

Memórias da espécie estão profundamente enraizadas na natureza de todos nós e foram tecidas por séculos de tradição. A escritora não-judia George Eliot², tão iluminada e de espírito aberto, reconheceu essas diferenças essenciais entre judeus e não-judeus. Ela descreve uma das qualidades judaicas em seu romance “Daniel Deronda” como não sendo “uma natureza que iria contra si mesma e, mesmo se o amor ganhasse seu consentimento para se casar com um homem que não fosse de seu povo e de sua religião, nunca seria feliz ao agir contra essa forte inclinação nativa que ainda reinaria em sua consciência como arrependimento.”³ Há, no fundo, um sentimento de povo inextirpável que, nos nossos dias, incita os tchecoslovacos⁴, os árabes do Hejaz⁵, os polacos, os judeus e todos os outros grupos distintos a garantirem a si mesmos o próprio direito e sua própria individualidade. São essas as diferenças fundamentais entre judeus e não-judeus que estão além da superfície, fazendo com que um atrito faça surgir e agravar qualquer discórdia em um lar baseado na união entre judeus e não-judeus.

¹ Literalmente traduzido como “Casar com pressa, arrepender-se no lazer”. Semelhante ao provérbio em português: “Quando a cabeça não pensa, o corpo padece”. (N. do T.)

² Pseudônimo de Mary Ann Evans, foi uma romancista autodidata britânica do século XIX que desenvolveu o método da análise psicológico característico da ficção moderna. (N. do T.)

³ Tradução própria do excerto do romance Daniel Deronda, de George Eliot. (N. do T.)

⁴ Naturais de um Estado que existiu na Europa Central entre 1918 e 1992 (com exceção do período da Segunda Guerra Mundial). (N. do T.)

⁵ Região no oeste da Arábia Saudita. banhada pelo mar Vermelho, estende-se desde *Haql*, no golfo de Acaba, até Jizan. Sua principal cidade é Gidá, mas a área é mais conhecida por incluir Meca e Medina, cidades santas do Islã. O nome “*Hejaz*” significa “barreira”, em árabe, devido ao fato de a região separar o Négede, a leste, da terra de Tiama, a oeste. (N. do T.)

Um lar dividido

É um fato demonstrável que essa profunda incompatibilidade de naturezas juntas em um casamento misto trabalhe fortemente em favor da divisão e da perturbação do lar. A alegria no lar é uma atmosfera criada por sentimentos amistosos de marido e da mulher. Entre os mais fortes e profundos desses estão os sentimentos para com o povo, que foram recém-mencionados, e o sentimento religioso. Pode-se argumentar mal com sentimentos. Um sentimento é sua própria justificação e, raramente, está ligado à lógica. O sentimento que o judeu tem em relação ao judaísmo e ao povo judeu é algo que ele não consegue explicar a si mesmo. Seu cérebro pode lhe dizer que ele não é um judeu observante, que raramente vai à esnoga⁶, que sua fé é pouca, que está longe de viver conforme a religião que lhe ensinaram quando criança e que, talvez, tenha poucas conexões judaicas. No entanto, em todo seu ser, há um forte sentimento de calorosa simpatia com isso e um orgulho por sua religião e por seu povo.

Se alguém insultar o judaísmo ou os judeus em sua presença, verá quão forte e quão real é seu sentimento em relação à sua religião e ao seu povo. Esse sentimento latente existirá no marido judeu pelo judaísmo e na esposa cristã pelo cristianismo, mesmo que nenhum suspeite de sua existência. Enquanto o céu estiver claro e nenhuma nuvem fizer sombra sobre o sonho imaturo do amor, esses sentimentos permanecerão sob a superfície. Mas, à primeira ameaça de problema no lar, esses sentimentos lutarão por se expressarem. A incompatibilidade do sentimento dele pelo judaísmo e do dela pelo cristianismo servirá, certamente, para pôr lenha à fogueira da discórdia doméstica.

A evidência do número de divórcios

Uma prova notável e irrefutável disso é fornecida pelo teste prático dos números de divórcio em casamentos mistos quando comparadas a outros em casamentos não-mistos. Então, em Berlim “durante os dez anos de 1892 a 1902, houve os seguintes números de divórcios para cada 1.000 casamentos: 3 de judeus;

⁶ Como os judeus hispano-portugueses chamam suas sinagogas. (N. do T.)

3,91 de cristãos; 10,09 de judeus casados com cristãs; 11,16 de cristãos casados com judias. “Casamentos mistos são, portanto, três ou quatro vezes mais prováveis de se dissolverem do que os casamentos intragrupos” (Fischberg). Tais dados, que podem ser comparados a outras fontes, constituem uma prova clara de que um casamento misto é mais propenso a terminar de modo infeliz do que um casamento normal entre um casal de mesma origem e religião.

Pais e filhos

Outro aspecto do casamento misto que deveria fazer um homem parar antes de entrar nele, atendendo sua emoção e sem o controle racional, é o pensamento da divisão que o casamento misto traz entre seu novo lar, o de seus pais e o dos pais de sua esposa. Apesar de ambos, marido e mulher, serem não-observantes de suas respectivas práticas religiosas, os pais dele e os pais dela podem ter fortes sentimentos religiosos. Os pais – de cada lado – estarão propensos a olharem o genro e a nora com desaprovação. Nenhum homem digno de assim ser chamado entrará, sem pensar e repensar, em uma união que, sabidamente, significará uma tristeza vitalícia para seus pais e que pode resultar em um completo afastamento entre ele e seus genitores. Esse é o antigo drama de Isaac e Rebeca, para quem a esposa hitita do seu filho Esaú era “rebelde de espírito”. “E Rebeca disse a Isaac: Enfado-me de minha vida por causa das filhas de Het. Se tomar Jacob mulher das filhas de Het, como estas filhas desta terra, para que quero vida?” (Bere’shith/Gênesis XXVI, 35; XXVII, 46). É o drama dos pais de Sansão, que lhe disseram quando ele anunciou sua intenção de se casar com uma filisteia: “Não há porventura entre as filhas de teus irmãos e entre todo o meu povo uma mulher, para que tomes uma mulher dos filisteus incircuncisos?” (Shofetim/Juízes XIV, 3). O coração dos pais, frequentemente, entristece-se ao saber que o filho, em quem tantas esperanças foram depositadas, está considerando um casamento que significa completa quebra da tradição judaica, pela qual eles e todo o povo judeu lutou e sofreu ao longo dos séculos.

A perda judaica

Tal casamento, geralmente, pressagia uma despedida para o judaísmo e para o povo judeu. O judeu, casado com uma cristã, será incapaz de manter firmemente seu elo judaico. Ainda que fique firme em seus sentimentos gerais em relação a seu povo e à sua religião, ele estará propenso a ter uma vida cada vez menos judaica. Não desenvolverá o mesmo espírito judaico como se tivesse casado uma filha de seu próprio povo, que poderia fortalecer seu sentimento judaico e cuidar do lar judaico.

A perda dos filhos

Se a integridade judaica de um homem que adentra um casamento misto é ameaçada, pode-se, semelhantemente, dizer que o destino dos filhos de um casamento misto é, praticamente, estabelecido antecipadamente. A lei judaica, ao proibir casamentos mistos, dá como razão a possibilidade de que a não-judia “porque desviará teu filho de Me seguir [...] e te destruirá depressa” (Debarim/Deuteronômio VII, 4). No tempo de Neemias, a profecia foi verificada claramente. Neemias observou que os filhos de casamentos mistos estavam falando a língua estrangeira de suas mães não-judias. Não cresciam para falar a língua dos judeus, isto é, para pensar, falar e agir como judeus (Neḥemyá/Neemias XIII, 23-27). Esse resultado é quase inevitável. As crianças seguirão o caminho de menor esforço. A religião da mãe, o cristianismo, é a religião dominante do país⁷ e, comparativamente, fácil de seguir; a religião do pai é a de uma minoria, com dificuldades de observância em um país não-judaico. Ser judeu significa se impor restrições religiosas e limites sociais. Quais são as chances de um filho de um casamento misto fazer qualquer tentativa de manter o difícil sétimo dia judaico, o Shabbath, em vez do fácil primeiro dia cristão, o domingo? Quais as chances de um filho de um casamento misto importar-se com Pessaḥ⁸ da mesma forma que os cristãos se importam com a páscoa cristã? Qual a probabilidade de um filho de um

⁷ Ainda não havia sido fundado o Estado de Israel e o autor vivia nos Estados Unidos. (N. do T.)

⁸ Pessaḥ [פסח], a páscoa judaica. É também chamada pelos judeus hispano-portugueses de Páscoa de Cencenhas. (N. do T.)

casamento misto celebrar *Ḥanukká*⁹, uma festividade judaica não tão conhecida, em vez de se render ao Natal, que é celebrado em todo o mundo? A religião da minoria luta, em todo momento, contra a assimilação da religião da maioria. Se a ascendência do filho dá a ele uma escolha igual, ele escolherá, quase inevitavelmente, a fácil religião da maioria e a oportunidade social mais completa que está diante do não-judeu.

Os próprios fatos provam isso. “Toda a evidência estatística sobre esse tema mostra que cerca de 75% de todas as crianças nascidas de judeus casados com cristãos são batizadas imediatamente após o nascimento, e apenas 25% são educadas como judeus” (Fischberg). Na Hungria, dos 4069 casamentos mistos contraídos durante dez anos, de 1895 a 1904, 85,13% declararam que desejavam criar seus filhos como cristãos, e apenas 14,87% decidiram em favor da religião judaica. Semelhantemente, em Nova Gales do Sul, onde o marido era judeu, apenas 25,99% dos filhos foram criados como judeus. Em Copenhague, de 370 famílias de judeus casados com cristãos, 61 criaram seus filhos como judeus, 288 como cristãos. Na Prússia¹⁰, no ano de 1905, somente 22,67% dos filhos de casamentos mistos foram criados como judeus. Essas estimativas tendem a se tornar mais e mais preocupantes com o passar dos anos.

A próxima geração

Mesmo nesses casos onde os filhos de um casamento misto são criados como judeus, “isso não representa a inteira perda mantida pelo judaísmo por meio do casamento misto. Uma pessoa que tem um pai de origem cristã, mesmo se criado como judeu, estará mais propenso a se casar com uma pessoa cristã do que com uma judia, pois, socialmente, entra em íntimo contato com seus parentes cristãos e os amigos deles. Não é tão difícil para essa pessoa ser batizada, porque

⁹ *Ḥanukká* [חנוכה] é a festividade em comemoração da rededicação do Templo de Jerusalém no tempo da revolta dos Macabeus contra o Império Selêucida. (N. do T.)

¹⁰ Região histórica que se estende desde a baía de Gdańsk (na Polônia), o fim da Curlândia (na costa sudeste do mar Báltico, na Letônia), até a Masúria, no interior do que é atualmente território polaco. (N. do T.)

se considera tanto de origem judaica quanto de origem cristã. A opinião de Ruppín¹¹ é que, dificilmente, 10% dos filhos de casamentos mistos permanecem judeus por algum tempo considerável. Duvida-se se haverá algum judeu, descendente desses, em duas ou três gerações” (Fischberg).

Objecções religiosas

Diante desse desastroso efeito dos casamentos mistos na vida judaica, e mais especialmente diante do crescimento e frequência destes, pode-se perguntar qual a atitude judaica moderna em relação a estes fatos. A atitude judaica para com o casamento misto é a mesma atitude histórica da Igreja. Muitos concílios da Igreja emitiram editos proibindo cristãos de se casarem com judeus. Todo grupo religioso é zeloso em relação à sua própria integridade. No entanto, nós, judeus, temos uma razão maior para nossa luta zelosa de nos mantermos judeus. Constituimos algo mais do que um grupo religioso. Somos também um povo notável historicamente.

Passamos a existir e fomos preservados como um povo separado devido à nossa religião: o judaísmo. É a religião judaica, com sua ênfase inabalável no sétimo dia judaico (Shabbath), os dias sagrados e festividades judaicas, sua riqueza de observâncias cerimoniais e sua literatura religiosa sublime, que criou o povo judeu com sua identidade fortemente marcada. Se, assim, todo povo tem o direito à existência e toda religião tem o direito de existir, nós, os judeus, também temos e ainda mais. Temos tanto a reivindicação material, para a sobrevivência do povo, quanto a espiritual, para a sobrevivência da religião. O judeu que se casa fora do judaísmo, portanto, está, verdadeiramente, casando-se fora de seu povo e fora da sua religião. Comete dupla deserção e, por sua abjuração pessoal, contribui para o enfraquecimento de seu povo e de sua religião.

Sentimento judaico unido

¹¹ Arthur Ruppín (1876-1943) foi um pensador e líder sionista. Foi também um dos fundadores da cidade de Tel Aviv. Em 1926, juntou-se à Universidade Hebraica de Jerusalém e fundou o departamento de sociologia. (N. do T.)

Não há diferença de opinião entre judeus ortodoxos e judeus reformistas em suas atitudes em relação ao casamento misto. Judeus ortodoxos, com sua ênfase consistente em todas as observâncias judaicas e sua esperança de restauração judaica na terra prometida¹², consideram os casamentos mistos uma traição ao povo judeu e ao judaísmo. Os judeus reformistas não são menos enfáticos em sua condenação do casamento misto. Um dos primeiros líderes do judaísmo reformista nos Estados Unidos disse que todo casamento misto é um prego no caixão do judaísmo. Em estilo menos figurativo, os rabinos reformistas dos Estados Unidos, em conferência em Nova Iorque em 1909, aprovaram uma resolução declarando “que casamentos mistos são contrários à tradição da religião judaica e deveriam, portanto, ser desencorajados pelo rabinato americano.”¹³ Nenhum rabino, mesmo o mais liberal, officiará em um casamento misto, a não ser que a noiva não-judia ou o noivo não-judeu tenham aceitado o judaísmo previamente.

Valor de uma conversão

Mas o que significa essa conversão? Se a experiência mostrasse que casamentos mistos, geralmente, prosseguissem com uma aceitação do judaísmo pelo elemento não-judeu, o sentimento judaico não se contraporiria ao casamento misto mais do que o sentimento católico romano, quando há a promessa de que as crianças serão criadas na igreja católica. No entanto, quase uniformemente, a experiência demonstra que um casamento misto é contraído um tanto apressadamente; e, quando o elemento não-judeu da união se submete à conversão ao judaísmo, essa conversão é, em nove de dez casos, superficial. Geralmente, é para agradar o marido judeu ou a esposa judia, ou para satisfazer aos sogros judeus. A tradição judaica ordena que um prosélito, para que seja recebido no judaísmo, deve aceitar o judaísmo por amor a ele e não por amor a alguém. A aceitação do judaísmo deve ser uma aceitação dos ensinamentos judaicos, depois de um estudo prolongado e intensivo e uma sincera adoção da vida judaica e observâncias judaicas por todo o tempo futuro. Sobre quantas pessoas que se converteram ao judaísmo devido a casamentos mistos se pode dizer que o judaísmo

¹² O Estado de Israel ainda não existia quando o livro foi escrito. (N. do T.)

¹³ Anuário da *Central Conference of American Rabbis* (CCAR), vol. 19, pág. 170. (N. do T.)

significa algo em sua vida diária? Não mais que uma minoria tem uma conversão sincera e adentra o povo judeu realmente. O judaísmo e o povo judeu não são proselitistas. Lutando por se manterem, não são fortes o suficiente para tomarem para si sangue diferente, a menos que esse se una e fortaleça sua própria vida, em vez de diluir ainda mais e tornar a vida judaica ainda mais fraca.

Casamento civil

É essa consideração que torna aparente que, para um judeu casar-se com uma cristã não-religiosa, uma agnóstica ou uma atéia, não é menos danoso ao judaísmo do que se se casasse com uma cristã praticante. As chances de ela fortalecer a atmosfera judaica no lar são tão pequenas quanto no caso de uma cristã observante. Os filhos são, talvez, ainda menos propensos a serem criados como judeus, quando nenhum dos pais cuida por uma vida religiosa do que quando ambos ou uma das partes valoriza as restrições, limites e aspirações da prática religiosa. O judeu tem, assim, colocado-se contrário a um casamento que não é formalizado sob auspícios religiosos. Ele considera o casamento como o fundamento para uma sociedade estável e sente que um passo tão importante quanto é o enlace matrimonial para os indivíduos e para a sociedade, que o ajuda a construir, deve se dar sob as mais solenes condições e não meramente um contrato legal civil. Enquanto o judeu, sempre respeitoso para com as leis nacionais, considera o casamento civil um enlace; não vê com bons olhos isso, a não ser que seja suplementado pela consagração religiosa. Há alguns séculos, os *hakhamim* declararam que os casamentos são feitos nos céus e, com esse espírito, o judeu defende que deveriam ser solenizados por meio da invocação de bênçãos celestiais. Um casamento misto não pode ser abençoado pelo padre, clérigo ou rabino de modo sincero; e o esperado para a vida marital é ruim, já que o dia de núpcias não pode ser feito um dia de consagração religiosa.

A luta pela sobrevivência judaica

A consciência universal da judeidade tão firmemente estabelecida contra o casamento misto não é devido ao judeu se sentir, de alguma forma, superior ao não-judeu (assim como não se sente inferior). Não é um sentimento de separatismo estrito, orgulho étnico ou exclusivismo irracional que leva o judeu a se opor ao casamento misto. A razão para sua atitude é encontrada no desejo fundamental e instintivo de sobrevivência judaica – a contraposição instintiva à extinção judaica. No fundo, intrincadamente entrelaçado em nossas fibras, está o instinto de autopreservação, tanto para nós, como membros do povo judeu, quanto para nossos filhos, que veremos adultos e parte do mesmo povo que o nosso, de nossos pais e de nossos ancestrais por milhares de anos. Esse é um orgulho nacional e glorioso, que não contesta nenhuma forma semelhante de reivindicação de outros povos, mas que justifica cada homem em seu orgulho por seu próprio povo e suas próprias tradições. Aquele que destrói a corrente dessa tradição em sua família; aquele que descuidadamente trouxe divisão entre si e seus pais e agir de maneira reprovável para com eles, sejam vivos ou mortos; aquele que entrar em aliança com, provavelmente, filhos que viverão de modo distinto do seu, desprezando-o como judeu; aquele que entrar ao que deveria ser a mais íntima e mais sagrada união humana, sabendo que essa união é ameaçada pela diferença; e aquele que for falso para com seu povo e para com seus ideais e desertar em seu momento de necessidade é uma pessoa cuja consciência de judeidade exclui companheirismo, igualdade e honra. Nega seus pais e todo o passado que o fez ser quem é, sacrifica a felicidade de anos por uma alegria momentânea e corta-se de seu futuro natural ao se ligar a uma fé que não é a sua.

Dever do povo judeu

Não há necessidade de explicar por que o povo judeu e a religião judaica querem seu futuro. Sua existência hoje é sua justificativa. Especialmente nestes dias de direitos de minorias e de liberdade de consciência, não se pode questionar o direito de um povo, não importa quão pequeno seja, de se manter com um povo; como também não se pode questionar o direito de um grupo de pessoas de adorar a Deus conforme sua consciência dita.

Em conflito aparente com esse direito de um povo como todo, há o direito do indivíduo que cogita se casar fora do povo. Sobre a abrangente questão de até quando o indivíduo está justificado na busca por seus próprios desejos às expensas do bem-estar de seu povo, não podemos discutir aqui detalhadamente. Mas, o judeu, ao lutar por sobrevivência em um mundo que não é judaico, tem vivido como mártir há séculos. Essa luta por sobrevivência é e deve ser algo que conclama o judeu individual a um sacrifício. Um ideal que não é forte suficiente inspirar sacrifício é um ideal desmerecido. Aquele que, por amor à sua religião, não se submeter à adversidade e não enfrentar dificuldades e, até mesmo, perseguição é um seguidor indigno dessa religião. Aquele que não se submeter à adversidade pelo bem-estar e integridade de seu povo é indigno desse povo.

Nós, os estadunidenses, demos nossa própria resposta. Ao aceitarmos as limitações nacionais ao controle alimentar voluntário, limitamos os direitos individuais de comer como gostaríamos. Abrimos mão de nosso direito ilimitado de liberdade de expressão e de imprensa ao, voluntariamente, aceitarmos a censura de expressão e de imprensa pelo bem nacional. De bom grado, colocamos nossos negócios sob controle governamental, permitindo que o governo determine preços, o direito de envio de mercadorias e muitos outros de nossos direitos individuais. Consideramos a serviço do Estado e estamos prontos a devotar tudo o que temos, até mesmo nossas vidas, por nossa nação. Certamente, assim, não podemos falar contra o direito de um povo de controlar, em alguma medida, os atos de seus indivíduos, quando esses atos se opõem ao bem-estar do povo como todo. O povo judeu e o judaísmo, em todos os tempos lutando pela sobrevivência, tem o direito de reivindicar a lealdade e o autossacrifício de cada indivíduo judeu.

דוד די סולה פול



Hakham David de Sola Pool, a"h, nasceu em Londres, Inglaterra, em 1885. Era descendente de uma velha e renomada família de rabinos e autoridades acadêmicas. Estudou na *University of London* e tinha um doutorado em línguas antigas pela *University of Heidelberg*. Foi rabino da sinagoga Shearith Israel, em Nova Iorque. Escreveu diversas obras importantes como *The Kaddish* (O Qaddish) e *Why I am a Jew* (Porque eu sou judeu). Seu nome é uma referência em termos de liderança judaica no século XX. Faleceu em Nova Iorque, em 1970.